



ISSN N. 2595-7341

Vol. 5, N. 03, Set-Dez, 2022

DOI: <https://doi.org/10.20873/SAÚDEMENTALDASJUVENTUDES>

EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO NA PROMOÇÃO À SAÚDE MENTAL DAS JUVENTUDES EM ÂMBITO ACADÊMICO

EXTENSION EXPERIENCES IN PROMOTING THE MENTAL HEALTH OF YOUNG PEOPLE IN THE ACADEMIC FIELD

Cynthia Studart Albuquerque¹

Amanda Karol de Oliveira Costa²

Adriana Alves da Silva³

RESUMO: Os projetos de extensão “*Vai dar bom: juventudes na trilha do bem viver*” e “*Permane(Ser): você não está só*”, desenvolvido respectivamente nos anos de 2019 e 2022, tiveram como objetivo promover a saúde mental dos estudantes do ensino médio e superior, pertencentes à comunidade interna e externa do IFCE - Campus Iguatu, através de intervenções capazes de minimizar o sofrimento psíquico advindo do cotidiano, especialmente, da vivência acadêmica. Sendo assim, este artigo tem o intuito de apresentar as principais características e vivências desses projetos de extensão, bem como, as ações interventivas e os principais resultados e dificuldades encontradas. Para isso, também, será necessário construir breve fundamentação teórica a respeito das expressões do sofrimento psíquico das juventudes na contemporaneidade. Além de anunciar os argumentos e dados que justificaram a concretização desses projetos de extensão.

Palavras-chaves: juventudes; sofrimento psíquico; extensão.

INTRODUÇÃO

¹ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Curso de Serviço Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Iguatu e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (PPGSS/UECE). Líder do Núcleo de Educação, Políticas Sociais e Serviço Social (NEPSSS/IFCE). E-mail: cynthia.studart@ifce.edu.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (PPGSS/UECE). Graduada em Serviço Social pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Iguatu. Integrante do Núcleo de Educação, Políticas Sociais e Serviço Social (NEPSSS/IFCE). E-mail: amanda.karol@aluno.uece.br

³ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Curso de Serviço Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Iguatu. Vice-líder do Núcleo de Educação, Políticas Sociais e Serviço Social (NEPSSS/IFCE). E-mail: adrianaalves@ifce.edu.br

A extensão compõe com o ensino e a pesquisa, o tripé da formação universitária, sendo por princípio “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (PNE, 2001, p. 28). Na atualidade, a extensão foi incorporada aos currículos dos cursos de graduação, a partir do Plano Nacional de Educação, período 2001 - 2010 e subsequentes, desencadeando nas universidades em todo o país um processo para sua implantação.

As ações e estratégias produzidas pela extensão acadêmica são fundamentais para que sejam estabelecidos os vínculos entre a universidade e a comunidade, fortalecendo a função social desta instituição. Ao tempo que potencializa a formação profissional, ao colocar o conjunto dos estudantes em relação direta com a realidade brasileira, em suas diversas expressões, contribui para a unidade teoria e prática por meio da intervenção, agregando novos conhecimentos aos saberes construídos no espaço universitário, advindos dos questionamentos, reflexões e do convívio com os conhecimentos populares. Potencializa, ainda, à comunidade externa, a vivência nas intervenções, possibilitando a construção de novas habilidades, favorecendo “a difusão dos conhecimentos produzidos na universidade; produção de novos conhecimentos e desafios de pesquisa; o contato direto com a comunidade e captação das realidades e necessidades sociais” (NUNES & SILVA, 2011; SANTOS *et al.*, 2016).

Tem sido com base nestes propósitos que temos desenvolvido a extensão no Curso de Graduação em Serviço Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, *Campus Iguatu*, ou seja, buscando identificar anseios e necessidades da comunidade; elaborando e desenvolvendo ações que possam ir ao encontro dessas necessidades; articulando os conhecimentos produzidos na universidade à sabedoria popular, de modo a produzir novas habilidades e formas de enfrentar o cotidiano. Orientadas por estes princípios que desenvolvemos os projetos “*Vai dar bom*:

juventudes na trilha do bem viver” e “*Permane(Ser): você não está só*”, desenvolvidos respectivamente nos anos de 2019 e 2022, que tiveram como objetivo promover a saúde mental dos estudantes do ensino médio e superior, pertencentes à comunidade interna e externa do IFCE - Campus Iguatu.

Tais projetos de extensão tiveram seus desenvolvimentos em virtude da constatação de que, atualmente, a saúde mental é uma demanda crescente da sociedade, nos mais diversos âmbitos da vida social, como família, trabalho, meios de comunicação e nas instituições educacionais. Visto que os índices de sofrimento psicossocial aumentam, gradativamente, no contexto da crise capitalista brasileira vivenciada nos últimos anos.

A saúde mental dos jovens e adolescentes tem sido uma preocupação das instituições educacionais, várias são as pesquisas que revelam o crescimento de situações de sofrimento psíquico nesse segmento populacional. Conforme a Folha Informativa da OPAS (2018), sobre a saúde mental dos adolescentes, os transtornos mentais já representam 16% da carga global de doenças em pessoas de 10 a 19 anos. O suicídio, por exemplo, é a segunda principal causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos no mundo.

No Brasil, de acordo com pesquisa do Datafolha realizada no ano de 2022, 8 em cada 10 jovens, de 15 a 29 anos⁴, tiveram problemas recentes de saúde mental, como pensamentos negativos e suicidas, dificuldade de concentração e ansiedade. Além disso, o Ministério da Saúde, no Boletim Epidemiológico divulgado em setembro de 2021, afirma que os casos de autolesão e automutilação no país se concentram nessa faixa etária, e que o número de mortes por suicídios entre jovens cresceu 81%.

A Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), por meio do V Levantamento sobre o Perfil Socioeconômico dos Universitários, em 2018, revela que oito em cada dez

⁴Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2022/10/8-a-cada-10-jovens-tiveram-problemas-recente-s-de-saude-mental-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 29 de janeiro de 2023.

estudantes de graduação relataram que já tiveram problemas como tristeza, ansiedade e sensação de desesperança; e ainda, que 10,8% informaram ter ideias de morte e 8,5% já teve pensamento suicida. Segundo o presidente da Andifes, a pesquisa tem ajudado a sensibilizar as Instituições de Ensino Superior (IES) para adoção de práticas de cuidado em saúde mental.

No IFCE - campus Iguatu, a equipe técnica da Assistência Estudantil identifica e recebe inúmeras demandas relacionadas ao sofrimento psicossocial dos estudantes, estas geralmente conectadas às desigualdades sociais no âmbito familiar e comunitário como a falta de renda, conflitos familiares, preconceitos e discriminações, uso problemático de álcool e outras drogas; além de questões mais peculiares do ambiente acadêmico como sobrecarga de trabalhos, prazos, rotinas, mudança na vida social.

Essa realidade foi agravada com a pandemia da COVID 19, que sem história natural e literatura pertinente aos cuidados, provocou medo e pânico, além do distanciamento social de amigos e familiares, e as significativas implicações nos processos educacionais, sobretudo, no acesso e na permanência, ficando nítidos os marcadores sociorraciais nas condições de desigualdades materiais e subjetivas no ensino e na aprendizagem por meios remotos. Tais desigualdades e carga mental para alguns estudantes foram fatores de risco à saúde mental como a falta de informações institucionais, a sobrecarga de atividades letivas, a falta de interação nas aulas e o distanciamento de colegas, além do sentimento de tristeza, desamparo, dificuldades de se concentrar, dentre outros.

Os projetos de extensão “*Vai Dar Bom*: juventudes nas trilhas do bem viver” e o projeto “*Permane(Ser)*: você não está só”, atenderam essas necessidades e buscaram promover o bem-estar psíquico dos estudantes, com base na identificação dos fatores de risco e do fortalecimento dos fatores de proteção como elementos fundamentais para bem-estar e para o processo ensino-aprendizagem no IFCE – campus Iguatu e na Universidade Regional do Cariri (URCA- campus Iguatu).

A realização dos projetos teve importante capilaridade institucional por meio da articulação entre pesquisa, ensino, extensão, assistência estudantil e profissionais de saúde. Instigou a reflexão dos participantes para os múltiplos aspectos que influenciam e, até mesmo, determinam os processos de sofrimento psicossocial vivenciados, desmistificando a ideia neoliberal de individualização e privatização da saúde mental e da associação do bem-estar ao consumo e à medicalização, necessariamente. Ao mesmo tempo contribuiu para o desenvolvimento de sentimento de valorização e pertencimento a uma juventude capaz de reencantar-se e mudar esta realidade.

AS EXPRESSÕES DO SOFRIMENTO PSÍQUICO DAS JUVENTUDES NA CONTEMPORANEIDADE

Essa seção se destina a apresentar a fundamentação teórica dos projetos de extensão: “*Vai dar bom: juventudes na trilha do bem viver*”; “*Permane(Ser): você não está só*”. Portanto, discutiremos sobre as expressões do sofrimento psíquico e, também, sobre elementos da sociedade capitalista contemporânea que implicam na construção das subjetividades, logo, nos processos de sofrimento psicossocial. Além disso, trataremos da condição juvenil na atual fase capitalista e seus rebatimentos para intensificação do sofrimento.

A vivência do sofrimento psicossocial faz parte da experiência humana, tanto individualmente quanto coletivamente. Conforme Gouveia (2022, p.13), cada pessoa responde à realidade social de forma singular, com suas dores, angústias, negações, sublimações etc. Entretanto, algumas pessoas necessitam de um maior suporte à saúde mental para melhor lidarem com a experiência de existir e sofrer.

Dessa forma, utilizamos o termo sofrimento ou adoecimento psicossocial para nos remetermos àqueles que sofrem intensamente, permitindo que a experiência-sofrimento não seja reduzida a uma desordem e/ou periculosidade. Além disso, reconhecemos que a produção do sofrimento e adoecimento é constituída pelas relações de gênero, raça e classe, inclusive as formas de abordagem e intervenção se diferenciam a partir disso.

Na sociedade capitalista contemporânea, onde se aprofunda cada vez mais as formas de exploração, dominação e desigualdade, a complexificação e maior incidência de suas crises têm prejudicado a vida dos sujeitos, gerando forte insegurança social relacionada ao desemprego estrutural, à ausência e/ou precariedade em recursos mínimos como saúde, alimentação, habitação, educação. Nesse contexto, produzem-se subjetividades, ainda mais egoístas, competitivas, consumistas, violentas, compulsivas e alienadas. Assim, o sofrimento psicossocial tem se ampliado e intensificado.

Não é um mero acaso que a ascensão do neoliberalismo tenha sido acompanhada pela reformulação brutal da gramática do sofrimento psíquico através da hegemonia do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua terceira edição (DSM-III). Há relações profundas entre os experimentos de engenharia social do neoliberalismo e a reconstrução das estruturas categoriais clínicas, reconstrução que se expressa, principalmente, com o apagamento das neuroses, com a hegemonia da depressão, com a redução da psicose à forma unitária da esquizofrenia, com a consolidação dos transtornos borderline e, finalmente, com a substituição da clínica tradicional, restrita ao tratamento de doenças, pela lógica do enhancement, que começa a explorar cada vez mais os fármacos, inicialmente concebidos para o sofrimento psíquico, em um novo objetivo, aquele da potencialização de performances no trabalho (SAFATLE, JUNIOR, DUNKER, 2021, p. 10).

Os sujeitos são desvinculados do sentido humano genérico e são entendidos pelo capital como meros produtos e/ou consumidores. As ideias neoliberais multiplicam-se através de discursos como meritocracia e liberdade, que cada sujeito é responsabilizado individualmente pelo seu sucesso ou fracasso. Cada indivíduo torna-se uma empresa de si e deve competir e superar uns aos outros com rivalidade. Esvaziam-se, nesse processo, as determinações sociais e políticas da vida, tudo depende apenas do esforço individual para a auto realização. Tensionados pela lógica mercantil, pelas expressões da barbárie e a pouca resistência e capacidade de enfrentamento,

Os indivíduos sociais [...] são confrontados pela ameaça constante à sua própria existência e, em sua maioria, submetidos à violência do desemprego, da miséria, da política, da polícia e dos bandidos

comuns. Nessa dimensão da totalidade social, a vida parece destituída de sentido, desgovernada e incontrolável (BRITES, 2018, p. 71).

Inclusive, até mesmo o sofrimento é transformado em mercadoria. O neoliberalismo tem gerenciado o sofrimento psicossocial através da individualização, patologização e medicalização. A moral psiquiátrica neoliberal não está preocupada em minimizar o sofrimento coletivo produzido socialmente. Mas disseminar diagnósticos de “doença mental”, em favor do lucro para proprietários de farmacêuticas, hospitais, clínicas e comunidades terapêuticas. E ainda, que os indivíduos continuem apáticos à realidade capitalista degradante, controlando não somente aqueles que vivem em instituições psiquiátricas totais, mas também os que estão nas ruas, nas fábricas, nas escolas e nas igrejas, mantendo-os anestesiados frente à dor e aos sentimentos de frustração, medo e culpa.

As transformações societárias contemporâneas decorrentes da crise capitalista e das estratégias de restauração das taxas de lucratividade encampadas pelas mudanças no padrão da acumulação capitalista, agora realizada sob o fluxo da acumulação flexível; mundialização e financeirização do capital; do ajuste fiscal neoliberal no Estado; e das medidas de reestruturação produtiva, produziram profundos impactos das condições de vida material e subjetiva da população dos países capitalistas. Tais transformações foram acompanhadas de mudanças culturais numa ambiência pós-moderna que é marcada pela fragmentação, pelo efêmero, pela volatilidade, descartabilidade e obsolescência programada, pelo simulacro da imagem e o desenraizamento histórico que absolutiza o tempo presente e esvaece o futuro. “Tudo é ao mesmo tempo e agora” (BRITES, 2018, p. 75).

É nesse contexto que as juventudes contemporâneas se desenvolvem. Mark Fisher (2020, p. 19) aponta que o sofrimento psíquico tem sido vivenciado intensamente por uma quantidade muito grande de jovens, pois esses são "a voz esgotada do desânimo de uma geração que nasceu depois da história,

para qual cada gesto era antecipado, rastreado, comprado e vendido antes mesmo de acontecer”. A juventude é parte da construção dos sujeitos sociais, numa perspectiva de totalidade, mas que ganha particularidades e características a depender das condições vividas em relação à classe, raça, gênero, território, sexualidade, dentre outros.

Dayrell (2003, p.44), compreende que cada jovem se constrói e é construído como sujeito, em suas palavras “um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém”.

Segundo Castro e Abramovay (2015), características como o individualismo, o consumismo e a competitividade, próprias da nossa sociedade, têm produzido uma cultura de violência vivida e reproduzida pelos jovens brasileiros, pois, nesta conjuntura hostil a premissa é que os objetivos só podem ser alcançados por meio da força bruta ou pela má-fé, em todas as hipóteses, é necessário ferir o outro para que o indivíduo obtenha sucesso. Causando nas juventudes vários prejuízos físicos, morais e emocionais.

Em uma sociedade marcada pela desigualdade, competitividade, individualidade, desesperança, mudanças cada vez mais rápidas, excesso de informações e padronização de um modo de ser no mundo. Os jovens, nas palavras de Castro e Abramovay (2015, p.22), são “Sujeitos de uma sociedade de consumo ostentatória, cujo principal traço é suscitar aspirações que, muitas vezes, deságuam em frustrações, porque irrealizáveis para a grande maioria”.

Atualmente, para um jovem concretizar os seus projetos de vida, significa abrir portas para o vazio, em direção a trajetórias que levam, muitas vezes, a lugar nenhum (PAIS, 1993). Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT)⁵, no início de 2021, a taxa média de desemprego de jovens, entre 15 e 24 anos, na América Latina e no Caribe, atingiu 23,8%. Cerca de três milhões de jovens perderam um lugar no mercado de trabalho no qual predomina a

⁵Conferir em:
https://www.ilo.org/brasil/brasilia/noticias/WCMS_816644/lang--pt/index.htm#:~:text=A%20mensagem%20destaca%20que%2C%20segundo,a%20ser%20elaborada%20em%202006.

informalidade. Um aumento de mais de 3% em relação ao nível de antes da pandemia. É o patamar mais alto registrado desde que esta média começou a ser elaborada em 2006.

Todas essas questões têm incidido no aumento de processos de sofrimento psicossocial e, portanto, novas demandas são colocadas às Instituições de Ensino Superior (IES), particularmente, às equipes da assistência estudantil. Segundo Bleicher e Oliveira (2016, p. 546-547), os estudos e pesquisas na área, apontam alguns fatores como correlatos à alta incidência dos transtornos mentais em estudantes universitários:

[...] o excesso de atividades, que causa alteração do padrão de sono dos estudantes, gerando situações de ansiedade mais frequentes; a perspectiva de futuro em relação à formação e ao papel social e especialmente a não-convivência com a família. O público feminino aparece como mais vulnerável à incidência de transtornos mentais em todos os textos pesquisados a respeito da saúde mental do estudante universitário.

Portanto, as relações institucionais têm forte impacto na saúde mental do público estudantil, então se faz necessárias intervenções no cotidiano acadêmico por meio de projetos que promovam relações mais tranquilas, prazerosas, significativas na vida dos jovens e no horizonte do bem viver.

Relações institucionais adoecedoras, portanto, contribuiriam para representações escolares também adoecedoras, impedindo, assim, o desenvolvimento pleno das atividades no ambiente educacional, na medida em que impactariam negativamente no rendimento e na formação do estudante (BLEICHER; OLIVEIRA, p. 547).

Desse modo, entendemos que a governamentalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2022) tem intensificado e ampliado os processos de sofrimento psicossocial, especialmente das juventudes. Pois, a lógica mercantil do capital está presente nas mais diversas áreas dos jovens – trabalho, cultura, formação profissional e acadêmica – implicando cada vez mais nas suas subjetividades. Desafiando, assim, as IES, onde a presença dos jovens é significativa.

EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL DAS JUVENTUDES

A incidência do sofrimento psicossocial para os jovens ainda é um enorme desafio para as instituições educacionais. Soma-se a isto, a situação econômica, política e do país, desde o Golpe de 2016, que compromete o bem-estar material e subjetivo das juventudes, bem como os traumas e estresses vivenciados pelo contexto da pandemia de COVID-19 que intensificou a insegurança social e o medo, diante da evidente ameaça à vida, da precarização e das incertezas do futuro. Tensões produzidas pela sociabilidade capitalista, porém, o cenário de contrarreformas e ataques aos direitos sociais pós-2016 e a crise sanitária, em 2020, ampliaram ainda mais as dificuldades emocionais e sentimentos negativos. Diante disso, a decisão e o compromisso com as experiências de extensão desenvolvidas e aqui apresentadas.

a) Projeto de extensão “*Vai Dar Bom: juventudes nas trilhas do bem viver*”

O projeto de extensão “*Vai Dar Bom: juventudes nas trilhas do bem viver*” teve vigência no ano de 2019. Teve como objetivo principal promover a saúde mental dos estudantes do ensino superior e médio do IFCE e da URCA, por meio de ações capazes de minimizar o sofrimento psíquico advindo de situações diversas, entre elas, a vivência acadêmica. Para isso, as atividades formativas e interventivas do projeto tiveram como eixos: a promoção da saúde mental; a prevenção ao suicídio; e a redução de danos.

Sendo assim, foram desenvolvidas oficinas, rodas de conversas, grupos terapêuticos, palestras, participação em eventos da comunidade acadêmica, tais como oficinas, rodas de conversa, cine debates, práticas integrativas, dentre outras. As ações e estratégias foram desenvolvidas nos ambientes do IFCE - campus Iguatu, unidade Cajazeiras; e a URCA – Campus Iguatu. A

equipe de execução era formada por professores, profissionais da assistência estudantil, profissionais residentes em saúde mental e estudantes de ambas as instituições com parceiros locais na cidade.

Destaca-se a construção do Espaço terapêutico “Ninguém solta a mão de ninguém”, desenvolvido com apoio do Grupo Acolhida da Residência Integrada em Saúde da Escola de Saúde Pública do Iguatu (RIS/ESPI). Este espaço acontecia semanalmente e era destinado à escuta, acolhimento, mútua ajuda, identificação e diálogos sobre os enfrentamentos, tensões e sofrimentos relacionados ao âmbito acadêmico e ao cotidiano da vida social.

Também, com o apoio do Núcleo de Educação, Políticas Sociais e Serviço Social (NEPSSS), foi realizado um Grupo de Estudos em Saúde mental e subjetividade no capitalismo, onde semanalmente reuniam-se profissionais, professores, estudantes e pesquisadores para debater sobre as determinações sociais do sofrimento, seus modos de expressão e alternativas de cuidado. Com isso, produzimos novos conhecimentos e publicamos nossas sínteses em vários eventos científicos; no E-book “Educação, Subjetividade e Saúde Mental na Realidade Brasileira” através da editora EdUece, no ano de 2021; e no capítulo “Juventude, educação superior e sofrimento psíquico: sintomas sociais de desalento no contexto pandêmico”, no livro “Direitos humanos e direito à saúde: perspectivas críticas” da EDUFT, no ano de 2021.

Nos processos contínuos de avaliação do referido projeto, que ocorreu durante todo seu desenvolvimento, identificamos que sua realização provocou a reflexão e o debate da temática da saúde mental nas instituições URCA e IFCE da cidade de Iguatu, antes inexistente. Produziu, também, conforme relatos dos participantes, sentimentos de valorização e proteção para os jovens que compõem a comunidade acadêmica.

Enfrentamos algumas dificuldades, como envolvimento e compromisso institucional de parceiros; a pouca sensibilidade de professores para liberação dos estudantes para participação nas atividades concomitantes ao horário das aulas; dificuldade em conquistar o envolvimento dos estudantes do ensino

médio com a temática, além do aceleração do semestre letivo, comprometendo algumas atividades planejadas. Contudo, ao considerarmos a avaliação e relato pessoal sobre a experiência de uma das estudantes extensionistas do projeto “*Vai dar Bom: Juventudes na trilha do bem viver*” e, também, coautora deste artigo, reconhecemos a sua potência:

As vivências neste projeto de extensão como estudante do IFCE campus Iguatu e a minha participação na execução das ações interventivas foram imprescindíveis para minha formação humana, acadêmica e profissional. Nesse processo, pude me aproximar das juventudes, compreender suas manifestações do sofrimento psíquico e ao mesmo tempo me reconhecer nas experiências compartilhadas. Também, foi através dessa vivência que abri meus horizontes quanto à saúde mental, passei a pensá-la além do caráter individual. Pensar e debater sobre a dimensão coletiva, social e política do sofrimento psíquico é o que me impulsiona a continuar pesquisando, estudando a questão da saúde mental. Assim como eu, acredito que muitos jovens conseguiram ser impactados beneficentemente com o projeto. Pois além de tudo, as práticas possibilitaram acolhimento, identificação, escuta, relaxamento e bem-estar para aquelas que participaram delas (Amanda Karol de Oliveira Costa, 2021).

b) Projeto *Permane(Ser): você não está só*

Os bons resultados produzidos com a realização do projeto de extensão “*vai dar bom: juventudes na trilha do bem viver*” e o agravamento da questão da saúde mental das juventudes associado à pandemia do COVID-19⁶, nos colocou em um novo desafio. Nos anos de 2021 e 2022 foi desenvolvido o projeto de Extensão “*Permane(Ser):você não está só*”, que teve como objetivo promover a saúde mental e a qualidade de vida de estudantes de ensino superior da cidade de Iguatu, especialmente, do IFCE, URCA e também da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Por meio de estratégias, soluções e

⁶ “A COVID-19 é uma doença causada por um vírus da família dos coronavírus e provoca sintomas como febre, tosse e dificuldade respiratória. Os primeiros casos da doença surgiram no final do ano de 2019, na China. No primeiro semestre de 2020, a doença já havia atingido todos os continentes, sendo classificada como uma pandemia. Transmitida de uma pessoa para outra por meio de gotículas respiratórias, na época a doença poderia ser prevenida por meio da lavagem das mãos e evitando-se aglomerações”. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/doencas/covid-19.htm>. Acesso em 11 de fevereiro de 2023.

tecnologias sociais (de jovens, para jovens e com os jovens) no âmbito da informação, mobilização e promoção à saúde mental, sobretudo, por meios remotos, buscamos contribuir para o êxito, a permanência, o bem-estar e a qualidade de vida destes sujeitos.

Os processos metodológicos desenvolvidos na execução do projeto foram inspirados nas técnicas de educação popular e no protagonismo juvenil com base numa perspectiva dialógica e problematizadora dos aspectos que envolvem a saúde mental juvenil. Sendo assim, de início foram realizados levantamentos de natureza qualitativa, com intuito de identificar as implicações da pandemia e do ensino remoto à saúde mental de estudantes do ensino superior de Iguatu e, particularmente, do IFCE, bem como os fatores de risco e proteção à saúde mental e os desafios institucionais no pós-pandemia. Em seguida, realizamos aprofundamento teórico sobre a temática e prospecção tecnológica, seguida da construção e do desenvolvimento de estratégias inovadoras, neste cenário, para promoção da saúde mental e bem-estar dos estudantes pela mediação das redes sociais, arte e cultura e tecnologias da informação.

Nesse sentido, foram produzidas atividades de ensino como os momentos formativos de construção e apropriação dos conhecimentos sistematizados na área. Bem como, realizaram-se pesquisas por meio de grupos de estudo, onde foi possível fazer identificação e análise das situações e identificar as determinações que produziam o sofrimento dos estudantes no ambiente acadêmico. Também desenvolvemos ações e estratégias de extensão através da intervenção articulada entre o saber acadêmico, o saber técnico e o saber popular ao construir espaços e práticas de cuidado coletivas para a superação desta realidade tão presente nos tempos atuais, que, por sua vez, retornam numa dialética de retroalimentação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Utilizou-se da mediação das redes sociais, com valorização da arte e da cultura para produção e difusão de conteúdos críticos sobre saúde mental, por

meio de perfis nas plataformas *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*; Realizou-se grupo de estudos e rodas de conversas interinstitucionais sobre educação, subjetividade e saúde mental, totalizando-se 60h no semestre, através de 15 encontros, com participação de 52 estudantes das três IES públicas da cidade de Iguatu; produziu-se 04 *Podcasts* com abordagem crítica sobre saúde mental e suas intersecções de classe, raça e gênero; e, desenvolveu-se um levantamento sobre as condições de saúde mental dos estudantes no pós-pandemia.

As principais dificuldades tiveram relação com o estabelecimento das parcerias, pois o projeto iniciou nos últimos meses do ano de 2021 e, também, no final do semestre letivo do IFCE com acúmulo de atividades para docentes e discentes. O que impediu, também, a parceria formal com a Residência Multiprofissional em Saúde e atrasou a parceria com as outras IES, inclusive, pela divergência de calendário letivo. Esses fatos impactaram no redimensionamento das rodas de conversa e do grupo de estudos que tiveram que ser repensados. Entretanto, avaliamos que construímos uma boa solução, inclusive, talvez mais eficiente do que o primeiro planejamento, pois conseguimos oferecer uma ação de maior envergadura, no caso do grupo de estudos, contemplando a finalidade das rodas de conversas anteriormente planejadas.

Em termos avaliativos este projeto de extensão teve satisfação e qualidade nos resultados apresentados durante o processo e no seu produto final. Conseguiu inovar e apresentar aspectos criativos e originais, mesmo por meios remotos, em sua realização, além de promover melhorias no cotidiano do público alvo em tempos de crise e pandemia. Como também, os indicativos de abrangência que envolvem a colaboração, a solidariedade e o alcance dos envolvidos foram muito bons, através das ações publicizadas e divulgadas pelos mais diversos canais. Bem como, a proposta desenvolveu ações de maneira interdisciplinar com outros campos de conhecimento. Além disso, favoreceu a produção de conhecimento e relação entre teoria e prática através

da publicação de resumos e artigos científicos.

Por fim, concluímos com a avaliação e relato pessoal da experiência de uma das estudantes extensionistas do projeto “*Permane(Ser): você não está só*”:

Estar no projeto de pesquisa e extensão “Permane(ser): você não está só” me proporcionou experiências únicas e altamente enriquecedoras, seja na minha trajetória de estudante universitária, na vida pessoal ou na minha futura carreira profissional. Possibilitou que eu aprendesse de forma ampla a categoria da saúde mental e subjetividade, com todas suas características, determinantes sociais e de saúde, causas, riscos e estratégias de solução para uma melhor qualidade na saúde mental dos estudantes universitários de Iguatu. Desafiou-me a entrar em “novos” campos como as redes sociais e os podcasts, que me possibilitaram um contato com temas e pessoas que talvez nunca tivesse a oportunidade de conhecer. Estar à frente de grupos de estudo e em eventos universitários me fez crescer pessoal e profissionalmente. É, também, extremamente gratificante saber que conseguimos levantar e levar o debate da saúde mental para outros indivíduos e instituições que antes não tinham, da mesma forma que nosso curso de Serviço Social, uma visão crítica e em sua totalidade à saúde mental e, em específico, a dos estudantes universitários (Jessica Aline Rodrigues Cordeiro, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão universitária, compondo o tripé da formação com o ensino e a pesquisa, constitui-se um importante componente para formação profissional, mas também, para o público-sujeito e para comunidade como um todo, pois favorece a difusão dos conhecimentos produzidos na universidade contribuindo para a construção de novas habilidades e formas coletivas de enfrentamento às questões socialmente relevantes.

Esses foram os resultados, também, contabilizados nos projetos de extensão desenvolvidos pelo IFCE, Campus Iguatu, “*Vai dar bom: juventudes na trilha do bem viver*” e “*Permane(Ser): você não está só*”, executados respectivamente nos anos de 2019 e 2021/2022 com jovens acadêmicos do Curso de Serviço Social e outros jovens universitários da URCA e da UECE. Desenvolvido por uma equipe formada por professores, estudantes,

profissionais da assistência estudantil e profissionais de saúde da residência multiprofissional da ESPI, as atividades se constituíram espaços destinados a escuta, ao acolhimento, mútua ajuda, rodas de conversas, grupos de estudo e produção científica, de forma presencial e remota, no caso do projeto *Permane(Ser)*: você não está só, já que este se desenvolveu no momento pandêmico.

Cabe destacar que os projetos emergiram pela existência de uma demanda social ainda pouco debatida e enfrentada pelas Instituições de Ensino Superior: a saúde mental de jovens universitários. Em uma realidade cada vez mais tensionada pela implantação da agenda neoliberal, que exige formações aligeiradas e ampla competição entre os estudantes para sua inserção no mercado de trabalho, a formação universitária, cada vez mais, tem se caracterizado pela produtividade e exigência de excelência nas atividades acadêmicas sem preocupação com as condições de vida e trabalho dos estudantes. Fato que tem provocando sentimentos de pânico, medo e insegurança de não responder as expectativas de familiares e da sociedade. Soma-se a isso o ofuscamento de valores humanos, que são substituídos por valores mercantilizados e descartáveis com reflexo nas relações interpessoais dos jovens que se sentem solitários e abandonados, não conseguindo suprir o vazio, repercutindo em inúmeras manifestações de sofrimento psicossocial.

Desse modo, a pauta da saúde mental tem se colocado como um grande desafio às instituições educacionais, considerando que a faixa etária de maior vulnerabilidade, conforme indicado nas pesquisas, é de pessoas em idade escolar. Não obstante, considerando que o ambiente educacional deve se tornar, também, um espaço de cuidado e um dispositivo estratégico para promoção da saúde mental juvenil, já que muitos dos adolescentes e jovens passam boa parte do dia e constituem sua sociabilidade neste lugar, foram desenvolvidos os projetos de extensão “*Vai dar bom*: juventudes na trilha do bem viver” e do projeto de extensão “*Permane(Ser)*: você não está só”.

Muitos foram os desafios para realização dos projetos, dentre os quais e de maior impacto, a divergência de calendário letivo entre as instituições e a adesão às ações nos meses finais do ano. Embora, tais dificuldades foram vencidas, uma a uma, inclusive, com bons resultados, através da utilização de tecnologias remotas, como salas virtuais e as redes sociais, formas acessíveis e de domínio entre os jovens universitários.

Como principais resultados, podemos elencar: a disseminação da reflexão e do debate sobre a saúde mental nas instituições URCA e IFCE; o desenvolvimento do sentimento de valorização e empatia com pares por parte dos jovens que compõem a comunidade acadêmica; a capacidade de reencantar-se e motivar-se para o auto cuidado em saúde mental e para contribuir com a mudança da realidade adoecedora. Tais resultados se mostram positivos, pois a juventude com seu vigor e entusiasmo, tem a potência de desafiar e resistir às adversidades. Conquanto, esses resultados, também, nos levam a inferir na necessidade de que mais projetos desta natureza sejam realizados. Para tanto, necessário se faz a existência de infraestrutura, recursos materiais e financeiros, enfim, que a curricularização da extensão seja posta em prática em todas as instituições de educação superior possibilitando uma formação de qualidade e maior integração entre universidade e sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira.** 2015.

AMARANTE, P. C.; JUNIOR, A. **Estudo sobre práticas de cuidado em saúde mental na Atenção Primária: o caso de um município do interior do estado do Rio de Janeiro.** *Cad. saúde colet.* [online]. 2015, vol.23, n.4, pp.425-435

ANDIFES; FONAPRACE. **IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras.** Brasília, 2014. Disponível em:



ISSN N. 2595-7341

Vol. 5, N. 03, Set-Dez, 2022

www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES_2014.pdf>. Acesso em 09/04/2019.

BLEICHER, T; OLIVEIRA, R. C. N. **Políticas de assistência estudantil em saúde nos institutos e universidades federais**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 20, Número 3, Setembro/Dezembro de 2016: 543-549.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**: Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. Volume 52. Nº 33. Set. 2021.

BRITES, C. **Psicoativos (Drogas) e Serviço Social**: uma crítica ao proibicionismo. São Paulo: Cortez, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Chistian. **A “nova” fase do neoliberalismo**. Outras Mídias. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/dardot-e-laval-a-nova-fase-do-neoliberalismo/>> Acesso em: 20 de dezembro. 2022.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Autonomia Literária, 2020.

GOUVEIA, Rachel. **Discriminação contra a população usuária da saúde mental**. In: Assistente Social no combate ao preconceito. CFESS: Brasília, 2022. ISBN: 978-65-86322-08-8

LIMA, Kátia. **educação superior brasileira nas primeiras décadas do novo século**. In: PEREIRA, Larissa Dahmer; ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de (org.). Serviço Social e Educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. cap. 2, p. 45-70.

NUNES, A. L. P. F., & Silva, M. B. C. (2011). A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, 4(7), 119-133. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/60>. Acesso em 11 de fevereiro de 2023.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Organização Mundial da Saúde (OMS). **Saúde mental dos adolescentes**. 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 11 fev. 2023.



ISSN N. 2595-7341

Vol. 5, N. 03, Set-Dez, 2022

PAIS, M. **As Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica Editora, 2021.

SANTOS, J. H. S., Rocha, B. F., & Passaglio, K. T. (2016). Extensão Universitária e Formação no Ensino Superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, 7(1), 23-28. 2016. doi: [10.36661/2358-0399.2016v7i1.3087](https://doi.org/10.36661/2358-0399.2016v7i1.3087)